

Reportagem

Uma dupla que é (quase) brasileira

Quando se pensa em imigração, é fácil imaginar uma porção de pessoas espremidas em um navio tentando sobreviver por cerca de dois meses. Isso realmente aconteceu nas primeiras levas de imigrantes das mais variadas etnias. Mas o grupo que saiu do Japão em 1957 não chegou a reclamar da viagem.

No caso deles, o difícil não foi a travessia, e, sim, acostumar-se com o Brasil. O navio que levou as famílias até o porto de Rio Grande parecia mais uma embarcação de luxo do que um transporte para pessoas que gostariam de recomeçar do zero em uma terra distante.

Conforme Tomohiko Noda, era fácil se distrair em um navio com piscina, lavanderia, assistência médica e karaokê. Dentro da embarcação também estava Fumiko Kimura, seu marido e dois filhos. Apesar de ser descendente de japoneses, Fumiko, hoje com 84 anos, nasceu no Peru. Ela só foi morar no Japão quando sua mãe ficou viúva. Na época em que embarcou com a família para o Brasil, Fumiko estava grávida do filho, João Pedro, que acabou nascendo no trajeto de trem entre Rio Grande e Uruguaiana.

A filha Tokiko acompanhou a aventura da imigração quando tinha apenas 2 anos. Ela, que é sobrinha de Mitori Kimura (o homem da imigração), cresceu e foi criada no Brasil. Hoje, ela é enfermeira aposentada e mora junto com Fumiko. A nissei conta que é católica, mas que também se dedica ao budismo. Da época em que veio ao Brasil, ela guarda algumas lembranças:

- Não foi fácil para os japoneses, pois tiveram dificuldades com o idioma. Mas eles também estavam felizes, afinal, era uma época em que havia muita esperança.

Já Fumiko recorda que sofreu para se acostumar com a comida, mas que teve mais facilidade de se comunicar porque sabia falar espanhol, língua que aprendeu no Peru.

A filha morou em Tóquio por seis meses

As Kimura guardam, nos diversos álbuns de fotografias, a saudade do Japão. Depois do Brasil, elas ainda voltaram ao Oriente. Tokiko afirma que tinha vontade de conhecer seu país e que se sentiu em casa quando colocou os pés em chão japonês.

- Foi impressionante. Depois que visitei uma vez, resolvi voltar e morar seis meses em Tóquio. A diferença de lá para o Brasil é que no Japão se trabalha bastante, mas se ganha bem por isso - diz.

Assim como ela, muitos filhos e netos de imigrantes fazem o caminho inverso dos familiares. É o chamado fenômeno dos dekasseguis (descendentes de japoneses que vão ao país para trabalhar, geralmente, em fábricas). Foi o que aconteceu com o irmão de Tokiko, João Pedro, que mora no país nipônico há 8 anos.

- Ele fez o que meu pai fez anos atrás: pegou seus filhos e foi embora, com a diferença que está voltando para o país de nossa origem - conta Tokiko.



CHARLES GUERRA

Tokiko e Fumiko vieram do Japão em 1957. Abaixo, Fumiko, seu marido Kosei e a filha Maria Lúcia na estação de ferro de Santa Maria, por volta de 1960



REPRODUÇÃO

No Brasil

Com as guerras mundiais, os Estados Unidos proibiram a imigração japonesa no país, o que incentivou a vinda dos orientais ao Brasil. Isso, até o Brasil declarar guerra ao Japão. Durante o Estado Novo, de Getúlio Vargas, os japoneses foram perseguidos pelo governo brasileiro, assim como aconteceu com alemães e italianos, já que faziam parte dos países do Eixo

Estima-se que exista hoje no Brasil 1,5 milhão de japoneses e descendentes. Cerca de 80% deles concentram-se no Estado de São Paulo

No Rio Grande do Sul, a imigração começou em 20 de agosto de 1956, quando 23 jovens japoneses desembarcaram no porto de Rio Grande. A entrada de japoneses no Estado já ocorria de forma indireta, pelos imigrantes vindos de outros estados brasileiros, como São Paulo

As maiores colônias de imigrantes do Rio Grande do Sul estão em Porto Alegre, Ivoti e Gravataí, mas em cidades como Viamão, Pelotas, Caxias do Sul, Passo Fundo e Santa Maria também se percebe uma grande presença oriental

Quem é quem?

A colônia japonesa do Brasil está dividida em

- Isseis (imigrantes)
- Nisseis (filhos de japoneses)
- Sanseis (netos de japoneses)
- Yonseis (bisnetos de japoneses)
- Dekasseguis (brasileiros de origem japonesa e seus cônjugues, que vão ao Japão para viver e trabalhar)

Não confunda

Tanto o horóscopo como a língua e a escrita são diferentes no Japão e na China. Na escrita, por exemplo, ambas nações usam os kanjis, um tipo de representação ideográfica. Nesta escrita, criada pelos chineses, cada símbolo representa uma idéia, e a combinação entre eles dá origem às palavras. Mas, mesmo os kanjis têm diferenças entre si. No Japão, ainda se usam o hiragana e o katakana (caracteres fonéticos japoneses)

Embora as duas etnias adorem arroz, peixes, legumes e verduras, alguns pratos são típicos de cada país. O yakisoba, por exemplo, é típico da China, que é um macarrão refogado ou frito

O hashi, tipo de talher diferente (dois bastões de metal ou madeira), também é originário da China